

## ITINERÁRIO DAS SOBRAS: A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA SUBALTERNIZADA EM “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

*THE SHADOWS' ITINERARY: A PORTRAY OF BLACK SUBALTERNIZED WOMEN'S SOCIAL CONDITIONS IN “MARIA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO*

**Ramon G. Ramos**

<https://orcid.org/0000-0001-7845-3032>

PUC-Rio, Brasil

r.ramonramos@gmail.com

**Resumo:** O ensaio propõe uma hipótese de leitura da obra “Maria” da escritora Conceição Evaristo a partir do olhar sobre a mulher negra subalternizada pela condição social e racial. A partir dos pensamentos de Florestán Fernandes, que critica o mito da “democracia racial”, pontuando o lugar do negro no pós-abolição; de Françoise Vergès, que aponta o lugar a que as mulheres não brancas são postas no modelo atual de sociedade capitalista; de Gayatri Spivak, que questiona a condição subalternizada da mulher não europeia; e de Lélia González, que concentra estudos sobre as relações entre empregadas e patroas; analisaremos a personagem central do conto em questão, sendo ela uma empregada doméstica negra retornando do trabalho, quando é morta dentro do transporte coletivo. Buscaremos pontuar como sua posição social de empregada doméstica reflete o aspecto descartável de sua condição de mulher negra pobre, que tem como função primordial servir à mulher e ao homem branco. Para ratificar a relação da protagonista com aspectos da realidade brasileira, utilizaremos como paralelo os relatos presentes no livro *Eu, empregada doméstica* de Preta Rara (Joyce Fernandes), cujo efeito de verdade contribui para o desenvolvimento do argumento que buscaremos estruturar. A partir da investigação, é possível constatar como o conto de Conceição Evaristo expõe a condição social da mulher negra inferiorizada e criminalizada por seu gradiente cromático e como tal estado é consequência de um lugar marginalizado ao qual o negro foi intencionalmente alocado após a abolição da escravidão no Brasil.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; Literatura Brasileira; Feminismo negro.

**Abstract:** This essay elaborates a potential reading of the short story “Maria”, by writer Conceição Evaristo. It looks back on how black women are subalternized by social and racial conditions. The starting point is based on the thinking of Florestan Fernandes, who criticizes the myth of “racial democracy”, in order to make evident the place Brazilian black people have occupied after slavery abolition; Françoise Vergès points out to where non-white women are placed in the current model of capitalist society; in Gayatri Spivak, the article finds a questioning of the subalternized condition of the non-European woman; Lélia González concentrates her studies on the relationship between housekeepers and their employers; we will analyze the story's main character: a black female housekeeper who gets killed in public transportation while commuting from work. We aim at explaining how her social status as a housekeeper reflects her being treated as disposable, as a black poor woman, whose primordial role is to serve white women and white men. In order to ratify the protagonist's relation to some of the aspects of Brazilian reality, we will make a parallel to actual stories told in Preta Rara's book (a pen name to Joyce Fernandes) *Eu, empregada doméstica*, whose truth effect contributes to the development of the argument we are aiming to articulate. From our investigation, one can observe how Conceição Evaristo's short story expresses the social conditions of black women, who are often posed as inferior and are criminalized by their color. In addition, one can see how this state of things is the consequence to a marginalized placement to which black people were intentionally condemned after slavery abolition in Brazil.

**Keywords:** Conceição Evaristo; Brazilian Literature; Black feminism.

*A carne mais barata do mercado é a carne negra*

*Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
Que vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos*

Elza Soares

*Então é melhor falar  
tendo em mente que  
não esperavam que sobrevivêssemos*

Audre Lorde

Seja em poesia, seja em prosa, a escrita de Conceição Evaristo é profundamente marcada por sua experiência como mulher negra na sociedade brasileira. Mais do que tratar da realidade e da cultura afrodescendente, a escrita da autora mineira nascida em 1946 busca abarcar cenas do cotidiano, cujos personagens se relacionem ou com sua experiência particular ou com a experiência coletiva da mulher negra vinda de classe baixa na sociedade.

Desse processo, ela cria seu famigerado conceito de *escrevivência*, que seriam escritas a partir das experiências da coletividade, da vida do povo negro: homens, mulheres crianças. A condição interseccional entre o lugar de classe, de gênero e de experiência étnica também, naturalmente, é um lugar a partir do qual o texto literário nasce, principalmente para uma autora que já experimentou posições de subalternidade. Escreve, então, *a partir de dentro* — como ela mesma define.

Ao ser a figura homenageada da 34ª edição do programa Ocupação Itaú Cultural, de 4 de maio a 8 de junho de 2017, muito do pensamento, da obra e da vida de Conceição ganhou ótimo arquivo virtual. Lê-se em destaque, no portal da Ocupação, a seguinte citação: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

A constatação da autora mineira de como o passado histórico escravocrata ainda reverbera nas relações de poder (que envolvem classe e raça) e também se materializa como chagas emocionais e políticas nos descendentes da ancestralidade africana encontra voz em inúmeros estudos históricos e sociológicos não só contemporâneos, mas de meados do século passado.

Florestan Fernandes foi um dos questionadores do mito da “democracia racial” no contexto pós-Abolição. Em *O negro no mundo dos brancos*, originalmente publicado em 1972, vemos que “Sob a égide da ideia de democracia racial justificou-se, pois, a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição” (FERNANDES, 2015, p. 39).

O autor explica como a universalização do trabalho livre foi péssima para o negro e o mestiço - que se viram imersos na economia de subsistência -, devido à desleal concorrência com o imigrante. Sem terra e sem emprego, muito da massa trabalhadora negra se viu impossibilitada da atividade laboral remunerada, retornando com frequência ao trabalho escravo (uma vez que não havia ordenado, mas trabalhava-se em troca de comida e moradia), sendo este escamoteado por um discurso piedoso-liberal dos antigos senhores agora travestidos de patrões.

As consequências dessa não realocação econômica e social da população recém-liberta é a formação de uma massa pobre negra (seus descendentes) submetida a humilhantes condições de trabalho por muitas décadas, cujos direitos trabalhistas apenas recentemente foram normatizados. Filha de lavadeira e desde criança trabalhando em serviço doméstico, Conceição Evaristo conta e analisa brevemente essa origem no Literafro- o portal de literatura afro-brasileira:

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. (...) Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas (...).

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos. (EVARISTO, 2009.)

O aspecto biográfico da autora mineira - ainda que ela prefira que o enfoque da crítica seja mais em sua obra do que em sua história — aqui nos interessa como elemento de introdução e análise de caso, como se Conceição Evaristo fosse uma das histórias possíveis espelhadas pela condição inicial da personagem Maria — protagonista do conto homônimo que integra a obra *Olhos d'água*, publicada em 2014 e vencedora do prêmio Jabuti no ano posterior.

Mais que a similaridade na profissão de empregada, a própria onomástica da protagonista remete ao prenome de Conceição (cujo nome completo é Maria da Conceição Evaristo de Brito). A ideia aqui não é buscar traços da vida da autora no conto em questão, mas apresentar seu olhar como um dos possíveis olhares que, pela experiência, colocar-se-ão em paridade com Maria. Em entrevista ao canal Leituras Brasileiras no YouTube, a autora cita um exemplo da escritora Miriam Alves: “Quando nós vamos falar, escrever, compor uma personagem que é doméstica é como se fosse a própria doméstica dentro do quarto olhando para a patroa na porta do quarto.”

Lavar e lixo são palavras centrais no depoimento de Conceição Evaristo para o Literafro ao rememorar sua infância. Alvejar o mundo dos brancos enquanto se busca a complementação dos rendimentos vendendo sobras encontradas no lixo diz muito sobre o lugar social — mais até do que econômico — a que as mulheres negras são relegadas. *Quem limpa o mundo?* é pergunta central que Françoise Vergès levanta em *Um feminismo decolonial*. Nele, a historiadora e cientista política francesa aponta que “A segregação do mundo se dá em uma divisão entre limpeza e sujeira baseada numa divisão racial do espaço urbano e da moradia” (VERGÈS, 2020, p.89).

Ainda que o cenário atual e histórico francês seja distinto em sua forma de organização e opressão, é possível estruturarmos um paralelo entre os apontamentos de Vergès e a condição da mulher negra como uma carne barata, um resto social invisível. A limpeza doméstica, que lá é feita por imigrantes subalternizadas e vistas como não pertencentes à nação francesa, no Brasil ainda é racializada e majoritariamente feminina. Mais do que mostrar como essa força de trabalho negra é o custo para que as outras (brancas e não pobres) possam desfrutar da beleza da cidade limpa, a historiadora sustenta que o sistema econômico sob o qual vivemos gera não apenas uma limpeza que se calca na pobreza, mas como a produção de lixo é essencial para que pessoas sejam tratadas como se fossem descartáveis.

Lemos:

O capitalismo é uma economia que produz lixo e esse lixo deve desaparecer aos olhos de quem tem direito a uma boa vida. De acordo com o Banco Mundial, a produção mundial de lixo atingiu 1,3 bilhão de toneladas por ano em 2016, ou quase 11 milhões de toneladas por dia. (...) O que quero enfatizar aqui é que essa economia de produção de lixo é inseparável da produção de seres humanos fabricados como “sucata”, como “lixo” (VERGÈS, 2020, p.88).

Imageticamente, o depoimento de Conceição Evaristo; associado à menção a Carolina Maria de Jesus, catadora de lixo e escritora; denuncia a sensação de descarte social, vivida por ela e por suas familiares, como se de fato fossem restos e sobras de uma sociedade que lhes ignora a subjetividade e as enxerga como força móvel, similar ao período da escravidão. Isso, claro, quando o corpo social enxerga alguma coisa.

Assim como a sujeira que limpam, aos olhos das atuais patroas-sinhás quanto menos forem vistas, melhor. Françoise Vergès expõe como a terceirização do lixo é inviabilizada, mostrando a maneira com que a organização social capitalista assegura

à mulher branca que ela encontrará tudo limpo, mas sem nunca ser confrontada com a realidade da limpeza e, portanto, com a presença daquelas e daqueles que a realizam. Este é um dos princípios fundamentais da limpeza: ela deve permanecer invisível. Para que essa invisibilização seja possível, não só se faz o responsável pela limpeza desaparecer da tela social, como a violência e o desprezo pelo seu trabalho são legitimados (VERGÈS, 2020, p.92)

A mulher negra, majoritariamente, limpa o mundo, assegurando a possibilidade de carreira à mulher branca ou mesmo uma vida de conforto físico à patroa cujo maior afazer maior é descansar. As mulheres negras e racializadas que limpam o mundo não circulam na cidade como se sorvessem de sua energia e beleza, mas unicamente como presença fantasmagórica, a partir do horário em que “tentam encontrar um lugar no transporte público para seus corpos exauridos. Elas cochilam assim que se sentam, seu cansaço é visível para aquelas que querem vê-lo” (VERGÈS, 2020, p.12).

É esperando no ponto de ônibus o transporte que demora um tempo enorme para chegar que conhecemos Maria, a protagonista do conto de Conceição Evaristo. Carregando uma bolsa pesada contendo as *sobras* da ceia da patroa,

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. (...) Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. (...) As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão?  
A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faça a laser corta até a vida! (EVARISTO, 2016, p.39)

A imagem, comum em qualquer grande centro urbano, apresenta a personagem central pelo nome próprio, porém sua função social é revelada ao leitor por meio da relação de poder com sua empregadora. Com o vocábulo *patroa* muito da condição de Maria é revelado pelo não dito, a partir do que escapa pela fresta narrativa, como a presença de gorjeta e de um corte na mão. Vê-se que a mulher trabalhou durante um domingo e por isso recebeu uma gorjeta — que costuma estar mais associada a uma gratificação voluntária informal e de valor impreciso (amiúde tratada como agradecimento ao “favor” pelo trabalho que transcende o acordo primevo) do que como uma contabilização exata do custo das horas extras trabalhadas.

Enquanto lidava com um pernil que não vai comer, Maria corta a mão por utilizar uma faca a laser que, por questões financeiras, não tem hábito de manejar. Ao cortar a carne para o festim, corta a sua própria carne. A metáfora do alimento que não consome espelhando a condição de consumo com que seu corpo negro é tratado pela relação empregatícia parece

uma associação óbvia e imediata com que Conceição denuncia o quanto as empregadas e “trabalhadoras do lar” (eufemismo que supostamente dignificaria o serviço, porém soa mais como forma de atenuar o papel opressor dos patrões por remover do significante a incontornável hierarquia de subalternidade) têm de dar literalmente o sangue e a carne pelo trabalho.

A condição de empregada exercida pela personagem Maria, apesar de posta em poucas palavras e de modo sucinto na introdução da narrativa, é central para uma análise mais precisa dos acontecimentos que recairão sobre ela ao longo do pequeno conto.

Ser empregada não costuma ser uma escolha consciente em busca de um projeto de vida confortável. Ao contrário, a maioria das mulheres que desempenham tal função — comumente desde cedo e, às vezes, ilegalmente com menos de dezoito anos — se vê obrigada a se submeter à tal relação empregatícia devido a ausência de perspectivas outras para aquisição de renda. O fato de a maioria das empregadas ser negra evidencia o aspecto de sujeição que ainda hoje a sociedade branca impõe à negra.

Florestan Fernandes (2015) aponta que:

O padrão brasileiro de relação racial, ainda hoje [em 72] dominante, foi construído para uma sociedade escravista, ou seja, para manter o ‘negro’ sob a sujeição do ‘branco’. Enquanto esse padrão de relação racial não for abolido, a distância econômica, social e política entre o ‘negro’ e o ‘branco’ será grande, embora tal coisa não seja reconhecida de modo aberto, honesto e explícito (FERNANDES, 2015, p.51).

Com o avanço das políticas de inclusão, do debate sobre representatividade, da popularização dos estudos culturais e, cogitamos talvez ingenuamente, de um avanço moral e ético da sociedade, o discurso abertamente racista de subalternidade do negro em relação à elite econômica e senhoril branca pouco se vê- e, quando surge, é tratado como o descabro que é, mesmo por parte de certa direita política e classista que prima pelo aspecto velado das opressões. Desse modo, vemos como o comentário do sociólogo paulista sobre o quão incontornável é o processo escravocrata para a presença do negro em subempregos mal remunerados e para a relação racial muito se aplica às condições de trabalho entre patroas e

empregadas domésticas não apenas pelo dado racial, mas por uma relação de poder arbitrária e, por dividir os muros da casa, por vezes abertamente racista.

O livro *Eu, empregada doméstica* é um compilado de depoimentos reunidos por Joyce Fernandes (rapper e historiadora de pseudônimo Preta Rara) a partir da *hashtag* homônima lançadas nas redes sociais. Vinda de uma família de empregadas e tendo ela mesma trabalhado na função, Joyce dá voz a essas mulheres silenciadas, elencando os relatos das mais diversas partes do Brasil. Além dos explícitos e vergonhosos casos de racismo das patroas (que nas histórias recorrentemente são chamadas *sinhás* bem como seus lares, *casa-grande*), a relação de poder e tirania com frequência é exercida por meio da comida.

A seguir, lemos alguns fragmentos de relatos retirados do livro de Preta Rara (os asteriscos representam a passagem de um depoimento para outro e a escrita foi integralmente mantida como consta no livro):

Pois bem, minha avó trabalhava para uma *sinhá*, entrava as 09:00 e saía as 19:00 — às vezes 20:00, 21:00. Um dia, no horário do almoço, a *sinhá* almoçou enquanto minha avó teve que comer arroz gelado e cascas de tomate. E a *sinhá* não ofereceu um prato de comida para ela, para a mesma pessoa que ela dizia ser da família. Espero que essa luta continue! Você me inspira muito! (...)

\*

Já trabalhando em outra casa. Em um belo dia sua patroa fez uma festa, comprou vários doces. No final da festa, ela chamou minha mãe e disse: “Leva o resto dos doces e aperitivos pros seus filhos, eles vão gostar, nunca comeram isso, né?”. (...)

\*

Na hora de comer então que o bicho pegava. Como eram fazendeiros, comiam bastante frango caipira. Para a minha mãe sobrava a cabeça e os pés do frango, era essa a parte dada a quem lavava, passava e cozinhava. As roupas que eram dadas pra minha mãe eram sobras das roupas de suas irmãs e irmãos, sim, irmãos. (...)

\*

Ainda não consigo lidar com isso, ainda dói muito as lembranças de raspar o fundo da panela p comer o que sobrou do almoço! Ainda dói demais! (...)

\*

(...) trabalhei um mês em uma casa onde os donos da casa escondiam a comida, eu não podia usar azeite, comer o pão novo (...)

\*

Ela relatou que ela só podia comer depois que os patrões comiam e no prato dela só iam restos de comida, incluindo o que as crianças mastigavam e cuspiam. Se não sobrasse ela não comia. Aí às vezes ela lambia os pratos e panelas sujos, antes de lavar, de tanta fome que ela sentia. (...)

\*

Minha mãe limpava a área da piscina enquanto ouvia o filho mais velho da patroa pedindo que a mãe não fizesse algo, quando minha mãe olhou em direção a cozinha a patroa estava juntando os restos de comida de toda a família em um prato, e o filho implorava que ela não fizesse aquilo. (...)

\*

Ela contava que a filha de uma das senhoras dava apenas asas e pés de frango para ela comer e que graças a Deus que minha mãe a recebia nos finais de semana, pois só assim, ela comia bem. Ela não podia falar, só com permissão, e elevador social nem pensar. (...)

\*

A patroa contava os pedaços de carne que ela teria que cozinhar, para ter a certeza de que ela não comeu nenhum e minha mãe só comia o que sobrava. (...)

\*

Nas horas das refeições, tinha que servi-los na mesa e somente quando terminavam de comer e que eu podia recolher e me alimentar daquilo que sobrava nas louças. (...) a patroa fazia questão de dizer: agora você pode comer o que sobrou! E isso se repetiu por umas três vezes até que comecei achar um abuso, quando ouvia isso me sentia quase que como um “bicho” comendo os restos da mesa “real”. (RARA, 2019).

Esse pequeno recorte dentre a centena de impactantes depoimentos de pessoas que vivem em situação de subalternidade (ou de parentes delas) expõe com luz suficiente o quanto atual é a análise de Florestán Fernandes sobre a relação entre patrões brancos e empregadas negras como chaga mal curada (já que há até quem negue a fenda social sob o mito de “democracia racial”) do período escravocrata brasileiro.

Vemos como é mesquinho o exercício de poder exercido sobre as empregadas cafetinadas — para utilizarmos a expressão de Suelly Rolnik em *Esferas da insurreição* (2018) — pelo baixo salário que recebem ao final do mês. Submetem-se a muitos tipos de humilhação que, por vezes, são exercidas pelo mero gozo das patroas de humilhar. A maneira com que o poder é exercido por meio da alimentação revela o domínio sobre a autonomia da mulher negra prestadora de serviços, que não pode comer o que quer no horário em que quer.

Deve, na maioria dos casos, comer depois do horário de almoço dos patrões independente de sua fome, além de comerem do que sobrou até mesmo de seus pratos — animalizando a condição da empregada, posta no mesmo nível de um cachorro doméstico, que se alimenta das sobras.

Vemos que o controle sobre a comida é o controle sobre o corpo. Manter a “rédea curta”, para além da associação claramente animalizante, é uma forma de ter sob seu jugo a potência física da trabalhadora, como um reforço negativo a todo instante lembrando qual o seu papel na hierarquia da casa e, por extensão, da sociedade.

O corpo da mulher negra é cafetinado economicamente pela necessidade, o que a torna extremamente vulnerável dentro do contexto social dos grandes centros urbanos. Retomando Françoise Vèrges, vemos como essas mulheres que limpam o mundo e se alimentam das sobras, não bastasse a exploração, ainda são vistas de modo apartado pela elite endinheirada. Os exemplos fictícios da série de tirinhas “Confinada” e “Os santos”, elaboradas por Leandro de Assis, muito se associam aos depoimentos reais levantados por Preta Rara e também por inúmeros outros que expõem a relação descartável que os brancos da casa grande contemporânea mantêm com suas empregadas negras — mesmo em tempos de pandemia no Brasil.

Por vezes surge na mídia algum artista ou celebridade comentando que pegou Covid da empregada, sem nenhum indício de que a origem da contaminação seja realmente a trabalhadora. Enquanto emitem seus julgamentos sem comprovação, o que não faltam são festas privadas em que pessoas de classe média e classe alta se aglomeram, ressaltando a hipocrisia de classe e de cor que culpabiliza a mulher negra como forma de transferir responsabilidade ou pela mera vontade de criminalizar.

Por isso, por mais pormenorizada que possa parecer a associação de Maria aos restos da mesa no conto de Conceição Evaristo, não é possível ignorar o implícito dessa situação — ainda mais com o enfoque narrativo de que seus filhos jamais tinham experimentado melão e de ser exatamente um osso (simbolicamente associado aos cachorros e às alimentações de resistência durante a escravidão) aquilo que a personagem central leva para casa em sua pesada sacola.

Ela é a sobra social que se conduz para casa. E durante essa condução, encontra seu antigo parceiro, pai de seu filho, com quem troca um diálogo franco e saudoso sobre o tempo em que viveram juntos.

Lemos:

Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. (...) Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (EVARISTO, 2016, p.40).

O enxerto revela que Maria é mãe solteira do filho deles e de mais dois, feitos em “deitadas” casuais, além de revelar o aspecto geográfico (pelo uso do termo *barraco*) da moradia em favela ou comunidade. Enquanto conversam, o homem revela saudades, confessa sentir vontade de alguma aproximação com o filho, o tal buraco no peito, entretanto não há indício de por que abandonou Maria grávida, quais as razões levaram a mulher a criar sozinha o filho deles.

Até que ele levanta, logo depois de se despedir com palavras de carinho, sacando a arma, enquanto seu comparsa de trás do ônibus grita que é um assalto. Maria se assusta, pois nunca presenciara um assalto antes. Não tinha medo dos assaltantes, pois não carregava pertence de valor, mas imagina o terror que os demais passageiros sentem com a situação. O comparsa de seu ex-homem passa direto por ela, não pede nada, poupa-a de perder sua gorjeta e sua sacola de restos. Com essa virada na trama, o leitor passa a cogitar que entre Maria e o pai de seu filho houve uma impossibilidade de futuro devido às escolhas “profissionais”, dado que seu ex-homem é um criminoso e ela tem uma vida dura e honesta de empregada.

Depois que o assalto termina e os homens desembarcam:

Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também*. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê*. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembavam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* (EVARISTO, 2016, p.41/2).

À mulher negra não é dado ao menos o “privilégio” de não ser assaltada. Cooptado pelo discurso classista e racista que tende, de princípio, à rotulação dos subalternos, associando-os ao crime com frequência, lemos o jovem negro — que a narrativa, com requintes de crueldade, faz a protagonista associar ao seu filho mais velho pela aparência física — iniciar o levante contra a única pessoa no ônibus a não ser vítima dos assaltantes.

A mulher negra, mãe solteira e “favelada” naturalmente só pode ser uma criminosa, pelo olhar do corpo social ao seu redor. A ela não é dada a fala, a dúvida, a chance de se defender. As alcunhas com que é chamada apontam não apenas para a sujeição do momento acusatório, mas como reflexo da opressão misógina e racista sofrida cotidianamente.

O uso desse recorte vocabular interessa para a análise, dado que se inicia pela recusa de Maria em enxergar em seu ex-homem a alcunha de criminoso, para ela ele continuará sendo o pai de seu filho, não se prestando a reduzir o homem que amou à sua marginalidade. A ironia do texto se estrutura em Maria ser injustamente vítima daquilo que ela recusa, já que tem seu corpo criminalizado pelo passado de envolvimento com o homem, é chamada pejorativamente de *negra, atrevida*, além de outros impropérios que tentam colocá-la em “seu devido lugar”.

Maria, após ser linchada pelos passageiros - apenas poucos indicam algum protesto, imediatamente recusados pela maioria -, vai morrer sem poder levar para casa os restos da ceia da patroa e o recado de carinho do pai de seu filho.

É difícil imaginar um roteiro trágico dessa maneira se Maria fosse uma mulher branca ou, quiçá, se apresentasse pertencer a uma classe social diferente. Se fosse branca, os passageiros pensariam que ela deu sorte, que anteriormente estava sendo coagida ou assediada pelo ladrão- o que entraria em outro preconceituoso recorte social, que rotula homens negros em relações inter-raciais? Não é exagero apontar que Maria foi morta porque é uma mulher negra moradora de comunidade. A violência sofrida por ela adquire o caráter de intersecção.

É fácil matar essa mulher cujo corpo ninguém vai reclamar. Seu sangue e seu corpo, como as sobras do almoço, do assalto, são consumidos pela conjuntura social que criminaliza a existência do negro. Maria foi invisibilizada em toda história que carrega seu nome, desde o exercício de uma profissão subalterna e excludente, até a morte vitimada pela ação coletiva de culpabilização por um conluio de que não fez parte. No único momento em que ela deixa a condição de invisibilidade para uma situação de privilégio ou benefício (ser poupada do assalto), a mulher negra é convocada a responder por isso.

Em outro conto de *Olhos d'água*, Conceição Evaristo diz que “Escrever é uma maneira de sangrar” (p. 109). É do mesmo conto o conhecido aforismo da autora “A gente combinamos de não morrer” (p.108). A imagem da escrita como sangria — mais do que metáfora para o jorrar de si no material literário, o colocar-se no texto, senão autobiograficamente, mas revelando parte de sua experiência — revela o caráter árduo da produção de enredos duros em matéria de *escrivivência*, de afecções da vida da população negra.

Dar enfoque à situação de vulnerabilidade social de muitas empregadas ou mulheres em outras situações de subalternidade, por meio da personagem Maria, aponta para a relevância incontornável da experiência individual e coletiva da mulher negra intelectual que fala e escreve por si mesma.

A intelectual indiana Gayatri Spivak levanta a questão de se *pode o subalterno falar* por si mesmo, independente de agenciamentos ou intermédios. Lemos: “Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (SPIVAK, 2010, p.110).

As três características interseccionais levantadas por Spivak se associam à trajetória biográfica de Conceição Evaristo e também de muitas de suas personagens — o que as confere força e densidade. O modo complexo como Conceição elabora Maria e a própria agressão fatal que sofre (pelas mãos de um jovem negro) amplia as camadas de tessitura textual, aproximando as ações ficcionais de fatos da realidade em que, por exemplo, não é raro encontrar o sentimento de vendeta partindo de policiais negros se regozijando quando agredem ou vitimam jovens negros contraventores ou praticantes de pequenos crimes — que atualmente, no linguajar opressor que ratifica a necropolítica vigente, são chamados de “vagabundos”.

Essa identificação do dominado com o dominador a escritora e ativista brasileira Lélia González aborda em seu ensaio “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, presente no livro *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020). Retomando o doutor Franz Fanon, Lélia investiga por que o racismo se constitui como sintoma que caracteriza a neurose de nossa cultura e aponta que os “negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação” (p.77). Diferente do silêncio a que historicamente foi relegado, Lélia afirma que “o lixo vai falar, e numa boa”.

Lemos:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. (...) Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZÁLEZ, 2020, p. 78)

Além da visão positivista-naturalista que atrela vícios como aspectos degenerados de uma condição biológica da raça, a autora aqui aponta outros relevantes aspectos que, se não criaram, mantiveram no imaginário social a condição serviçal da população negra. Seja pelos estereótipos televisivos ou pelo recorte parcial das notícias impressas, vemos o quanto a pobreza e a segregação são amiúde vistas como punição por uma fictícia ociosidade ou improdutividade dos jovens e adultos negros.

A mulher negra, conforme Lélia González recorta, é vista *naturalmente* como subserviente, nascida para servir. Qualquer mínimo rompimento com essa estrutura esperada

pelo corpo patriarcal branco abala a representação escravocrata da estrutura social ainda bastante evidente.

Adiante no texto, a autora aponta como o racismo estrutural se manifesta de forma velada, travestido de “boa aparência” como eufemismo excludente para a contratação de mulheres brancas para funções não serviçais na sociedade — o que mantém a mulher negra na condição de empregadas, faxineiras, serventes dessas, mesmo mal remuneradas (ainda assim não tão mal), mulheres brancas.

Ainda Lélia:

é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isso porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte e “mãos brancas” estão aí matando negros à vontade; observe que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país) (GONZÁLEZ, 2020, p.83).

Maria, nossa protagonista, é uma dessas negras anônimas serviçais que seguram a barra familiar sozinhas. Não tem direito a ser completamente inocente, caso alguém com vínculo (mesmo rompido) com ela esteja no mundo do crime. Não tem direito a não ser criminalizada se é negra, pobre, periférica. Não tem direito a ser poupada.

Dessa forma, a fala da ficcionista e doutora negra Conceição Evaristo é imprescindível por sua capacidade de sensibilizar. A realidade dos personagens de *Olhos d'água* é a inevitabilidade da morte, já que todos os personagens centrais morrem ao final — o que denuncia o trato social de “restos” ou “sobras” vinculados ao corpo negro, conforme vimos ocorrer em “Maria”, microcosmo do livro inteiro.

Encerramos o ensaio com o desfecho do poema “A roda dos não ausentes” (presente em *Poemas da recordação e outros movimentos*), que liricamente define o conceito de *escrevivência* e afirma, pela escrita, o valor de construção identitária individual e ancestral. Lemos:

E da história que me resta

estilhaçados sons esculpem  
partes de uma música inteira.  
Traço então a nossa roda gira-gira  
em que os de ontem, os de hoje,  
e os de amanhã se reconhecem  
nos pedaços uns dos outros.  
Inteiros. (EVARISTO, 2017, p.12)

## Referências

EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras**. Belo Horizonte, Maio de 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 04 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2015.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RARA, Preta. **Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho de empregada**. Belo Horizonte: Editora Letramento, Edição do Kindle, 2019.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

DOI: <https://doi.org/10.29327/232521.9.1-7>

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFRMG, 2010.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

**Submetido em:** 30/05/2021

**Aprovado em:** 10/09/2022